

# UMA RÉSTIA DE LUZ NO CREPÚSCULO EDITORIAL

Célio DEBES

Campinas, mais exatamente o "Centro de Memória" da Unicamp, acaba de realizar obra meritória no campo cultural. Promoveu o lançamento, nos primeiros dias de maio, de várias obras de sua edição. Todas do mais alto relevo, pela seriedade com que foram tratados os temas sobre os quais versam.

Duma coleção muito apropriadamente denominada "Campiniana", faz parte, por exemplo, **A Febre Amarela em Campinas 1889-1900**, de autoria do médico, acadêmico e historiador Lycurgo de Castro Santos Filho e de José Nogueira Novaes. Alentado volume, que ultrapassa três centenas de páginas, constitui o mais completo e profundo exame desse morbus que, apesar de ter merecido tratamento sob vários aspectos, não lograra a precisão histórica que Lycurgo lhe imprimiu.

Na mesma coleção há outros títulos importantes, girando em torno da escravidão e da abolição, pondo em evidência a transição entre o trabalho servil e o trabalho livre. Facetas dessa metamorfose ganham relevo e consideração em **Ingênuos e libertos: estratégias de sobrevivência familiar em épocas de transição, 1871-1895** e em **Nem senhores, nem escravos: os pequenos agricultores em Campinas, 1800-1850**.

O primeiro, da lavra de Anna Gicelle Garcia Alaniz, aborda as decorrências de um instituto jurídico de proteção aos "ingênuos", isto é, aos filhos livres de mulheres escravas, que ficavam sob a proteção dos senhores delas. Era a tutela que a Lei do Ventre Livre lhes outorgava e que se estendia até que os infantes atingissem a maioridade. Esta condição resolutiva, ocorrente o tutelado alcançasse os 21 anos de idade, se verificaria, sempre em data posterior à abolição, sem que, contudo, cessassem os efeitos e o alcance da "medida protetora". Uma das conseqüências da tutela era a obrigação, a que estava sujeito o "ingênuo", de prestar, a partir de certa idade, serviços ao tutor, enquanto perdurasse a relação entre ambos. Assim, se dilataram, de fato, os efeitos da escravidão, mesmo após sua extensão, de direito!...

A outra produção mencionada, de que se ocupou Valter Martins, cuida da situação dos pequenos agricultores, em Campinas, na primeira metade do século XIX. O estudo focaliza um estrato da população que coexistia numa sociedade em que os extremos eram balizados pelo escravo e pelo senhor, mantendo-se acima daqueles, mas muito distantes destes. Dá ênfase à evolução que muitos desses lavradores lograram, passando da simples lavoura de subsistência para uma situação econômica mais expressiva, ganhando, com isto, posição em estágio social mais elevado.

Ambos estes trabalhos, embora calcados em dados colhidos em espaço delimitado, transcendem à história regional, uma vez que versam questões que se verificaram em todo o território brasileiro, nos períodos estudados e mesmo nos que os ultrapassaram ou antecederam.

Os ensaios mencionados, abordando temas aparentemente limitados, chamam a atenção para assunto, até hoje pouco considerado pelos estudiosos, respeitante a outra categoria que também se apartava dos dois extremos sociais referidos. Eram os colonos que celebravam contratos de prestação de serviços com fazendeiros. A despeito de homens livres, se assemelhavam, na prática, em decorrência desses ajustes aos "servos da gleba"...

Houve, ainda, na oportunidade, o lançamento de um volume elevado de uma carga emocional, que afeta a todos que conheceram um dos grandes benfeitores das letras e da memória campineira e paulista. Trata-se de **História de Campinas através da Hemeroteca João Falchi Trinca**. Amigo que fui do patrono desse manancial imensurável, enxergo na iniciativa do Centro de Memória, muito provavelmente por iniciativa de José Roberto do Amaral Lapa, a forma mais eloqüente e duradoura de homenagear o abnegado formador de acervo singular e valiosíssimo.

São Paulo e, mais especificamente, Campinas muito devem ao devotamento pelas nossas coisas, pelo nosso passado, pela inteligência e pela cultura nacionais, paulistas e, preponderantemente, pelas campineiras, que constituíam as razões de encantamento de Trinca. Seu arquivo, sua biblioteca, sua coleção iconográfica sobre sua idolatrada "pátria", no sentido mais restrito do vocábulo, constituem o que, ufano, denominava sua Campiniana! Foi esta "Campiniana" que, desprendidamente, doou à Universidade Estadual de Campinas, através do Centro de Memória.

O gesto, generoso e amável de Trinca, representa a sua mais eloqüente manifestação de amor à terra natal, culminância de um afeto que cultivava desde os distantes tempos da adolescência. Dedicção esta que reiterou, dia após dia, por mais de meio século, ao garimpar nos cotidianos, notícias sobre sua cidade, seus filhos, seus fastos. E, no decorrer desse longo

tempo, também, ao joeirar, em alfarrabistas, a produção intelectual impressa de seus conterrâneos, as obras sobre a antiga São Carlos e a respeito de campinenses, além dos livros editados em Campinas, como os da célebre Casa Livro Azul.

Sob a direção de Rosaelena Scarpeline, Alexandra G. B. Soares, Maria Alice Giannoni e Maria Beatriz S. Camargo, organizaram o índice/tesaurus dos cerca de 18.000 recortes de jornais e revistas colecionados por João Falchi Trinca. Na apresentação do volume, é ressaltada a importância da Campiniana por ele doada, destacando-lhe o "alcance histórico e científico".

Este alcance podem atestá-lo os que, no Instituto Histórico, nas Academias Paulista de Letras e de História, tiveram o privilégio de privar da amizade de seu realizador, sempre prestativo e solícito, que, além de servir-se do precioso acervo, recebiam de Trinca informações valiosas e eruditas, poupando-lhes pesquisas estafantes e leituras nem sempre cativantes.

Do conjunto da campiniana de Trinca, o volume recém vindo a público trata, apenas, da parte relativa aos recortes de jornais e revistas, como se disse. A este fundo foi dispensada atenção especial, do que resultou sua classificação e catalogação, em trabalho obediente a rigorosos critérios arquivísticos.

Sobressai-se, portanto, como roteiro de pesquisa, facilitando ao historiador o aproveitamento do vultoso material. Dividido em onze séries, cada qual delas comporta sub-séries, classes e sub-classes, e outras fragmentações detalhadoras, que, ainda mais, ameniza a investigação.

Como seu volume terceiro, a publicação integra a coleção "Instrumentos de pesquisa": Esta circunstância justifica a escolha do título *História de Campinas através da Hemeroteca João Falchi Trinca*, embora, à primeira vista, enseje a idéia de que se trata de um ensaio calcado no conteúdo da coleção de recortes.

Inobstante o reparo - irrelevante - consigne-se o trabalho levado a efeito pelas quatro autoras é de real importância, dá lustre ao acervo de João Falchi Trinca e põe em evidência a homenagem que o Centro de Memória da Unicamp rende a seu benfeitor, atribuindo seu nome à hemeroteca.

Diante das dificuldades que os cultores de temas despidos de "interesse comercial" - para os quais no campo editorial caminha para o desaparecimento - a ação pertinaz do Centro de Memória da Unicamp, quem em Amaral Lapa o coordenador de suas publicações, representa uma esperança. É um exemplo de elevado senso intelectual, ímpar, a ser registrado e celebrado.

(Transcrito do "Boletim da Academia Paulista de História", nº 26, maio de 1997)